

DOSSIER REDIGE – REDE DISCURSO E GÊNERO

Dossiê Rede Discurso e Gênero

Avaliatividade, gênero e raça no discurso sobre cabelo crespo

*Appraisal, gender and race in the discourse
about coily hair*

*Valoración, género y raza en el discurso sobre
el cabello rizado*

RESUMO

Este artigo trata das relações entre gênero, raça e poder, onde as práticas sociais dos cuidados dos cabelos afro são o foco de nossa análise (Fairclough, 2003). Levando em consideração a linguagem em uso e as macroestruturas de gênero e raça que organizam a vida social, entendemos o sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) como uma das possibilidades de análise crítica do discurso dentro da perspectiva linguística sistêmica-funcional (Halliday; Matthiessen, 2014). Através da análise de narrativas com foco no subsistema de Atitude, elaboramos criticamente as relações que englobam as intersecções entre gênero, capitalismo, raça e discurso sobre cabelos crespos.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso; Sistema de Avaliatividade; cabelo crespo.



Recebido em: 21 de outubro de 2023.
Aceito em: 9 de novembro de 2023.
DOI: 10.26512/les.v24i2.51271

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Débora de Carvalho Figueiredo

deborafigueiredo@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1937-9394>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Florianópolis, SC, Brasil

Jéssica Soares Lopes

soareslopesjessica@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Florianópolis, SC, Brasil

Luana Helena Uessler

luessler@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5993-5201>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Florianópolis, SC, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

This article deals with the relationship between gender, race and power, in which the social practices of Afro hair care are the focus of our analysis (Fairclough, 2003). Taking into account language in use and the macro-structures of gender and race that organize social life, we understand the system of Appraisal (Martin; White, 2005) as one of the possibilities for critical discourse analysis within the perspective of systemic-functional linguistics (Halliday; Matthiessen, 2014). By analyzing narratives with a focus on the Attitude subsystem, we critically elaborate the intersections between gender, capitalism, race and the discourse on coily hair.

Keywords: Critical discourse analysis; Appraisal system; coily hair.

RESUMEN

Este artículo trata de las relaciones entre género, raza y poder, donde las prácticas sociales del cuidado del cabello afro son el foco de nuestro análisis (Fairclough, 2003). Teniendo en cuenta el lenguaje en uso y las macroestructuras de género y raza que organizan la vida social, entendemos el sistema de Valoración (Martin; White, 2005) como una de las posibilidades de análisis crítico del discurso dentro de la perspectiva lingüística sistémico-funcional (Halliday; Matthiessen, 2014). Analizando las narrativas con un enfoque en el subsistema Actitud, elaboramos críticamente las relaciones que abarcan las intersecciones entre género, capitalismo, raza y el discurso sobre el cabello rizado.

Palabras clave: análisis crítico del discurso; Sistema de Valoración; cabello rizado.

Como citar:

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; LOPES, Jéssica Soares; UESSLER, Luana Helena. Avaliatividade, gênero e raça no discurso sobre cabelo crespo. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 304-325, jan./jun. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i2.51271. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).



INTRODUÇÃO

Este artigo trata das relações entre gênero, raça e poder no marco do capitalismo financeiro do terceiro milênio, sobretudo no que diz respeito ao papel da linguagem, ou das semioses, na construção e reconstrução das macroestruturas de gênero e raça que organizam a vida social. Para tanto, tomamos o nível das práticas sociais como foco de nossa análise (Fairclough, 2003), em particular a prática dos cuidados dos cabelos afro, entendida aqui como espaço de construção, negociação e disputa de significados ligados a identidades racializadas de gênero.

O capitalismo, segundo Nancy Fraser (2018), pode ser entendido não apenas como modo de produção econômica, mas também como ordem social institucionalizada. Evitando uma análise puramente econômica ou economicista da realidade, as teorizações críticas de Fraser se sobressaem por incorporar perspectivas feministas, antirracistas e ecológicas. Dessa posição, tornou-se essencial investigar como o capitalismo está ligado não apenas a formas de exploração econômica, mas também a formas de dominação de gênero e de discriminação étnico-racial, além de um nível galopante e irreversível de destruição do meio ambiente. O foco dessa perspectiva são as interações complexas e multifacetadas entre esferas econômicas e não-econômicas da vida social, como a relação entre formas de desigualdade econômica e formas de dominação social e política (Bargu; Bottici, 2017).

Por exemplo, historicamente, pessoas negras foram concebidas como 'não bonitas', como esteticamente inferiores a pessoas brancas, ou foram restritas a identidades raciais sexualizadas, animalizantes e pejorativas, e um dos aspectos mais frequentemente representados como negativos é o cabelo afro. Essa visão canônica da beleza como branca retirou do campo das representações dominantes imagens de pessoas negras, exceto em situações de subalternidade. E aqui, como lembra Fraser, o não-reconhecimento de certos grupos sociais é visto como algo material, uma vez que se trata de uma relação social institucionalizada, e não apenas de um estado psicológico ou de algo meramente simbólico. Da perspectiva discursiva crítica que embasa este artigo, o poder e suas hierarquias de opressão não são apenas discursivos ou simbólicos, mas ocupam lugares concretos e produzem efeitos materiais na vida de opressores e oprimidos, como ilustra o racismo.

Essa perspectiva dualista nos permite entender, do ponto de vista de gênero e raça, tanto as dimensões culturais dos arranjos econômicos (por exemplo, a divisão do trabalho por sexo, a feminização e racialização de certas profissões) quanto as dimensões econômicas das identidades tidas como 'culturais' ou 'raciais' (p. ex. a falta de acesso de pessoas negras à educação e ao mercado de trabalho formal; o pagamento de salários menores a mulheres negras).

Entretanto, historicamente o capitalismo tem mantido uma relação contingente e oportunista com o heterossexismo e até mesmo com o racismo, não uma relação lógica ou funcionalmente

necessária, como evidenciam a exploração capitalista do *pink money*¹ e a monetização do feminismo (incluindo o feminismo negro) através da estratégia promocional conhecida como *femvertising*².

Visto que mulheres não são um grupo homogêneo, a representação de mulheres consideradas “fora do padrão”, como mulheres trans e negras, é recente em imagens de campanhas publicitárias, em contraste com a predominância histórica de imagens de mulheres cis brancas. Assim como existem contradições na relação entre capitalismo e feminismo, também movimentos feministas possuem posições internas distintas ao lidar com questões raciais. Como apontado por Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), mesmo não assumindo posições explicitamente racistas, em termos históricos feministas brancas de classe média se tornaram a imagem universalizada do que é uma “mulher”, apagando especificidades e demandas de mulheres não-brancas em geral³.

Segundo Angela Gilliam e Onik'a Gilliam (2010, p.307), “o cabelo continua sendo o principal lugar de luta das mulheres negras pela afirmação de sua corporalidade”. Sendo assim, discursos sobre cabelo possuem dimensões distintas de gênero para mulheres brancas e negras, e no contexto brasileiro atual pautas sobre cabelos afro têm ganhado mais visibilidade. Através de relatos de cuidados e transição capilar em blogs, em redes sociais, ou em estudos acerca de como cabelos afros são caracterizados e classificados, é possível observar criticamente como discursos e práticas sociais afetam as identidades e as oportunidades materiais de mulheres negras. Nessa linha, o presente artigo apresenta e aplica ferramentas disponíveis na perspectiva da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional para investigar relatos de mulheres negras que têm como temática central o cabelo afro, perpassando assim questões de gênero e raça dentro do contexto do capitalismo.

1. BASES TEÓRICAS

1.1 Análise Crítica do Discurso (ACD)

¹ “O termo ‘pink money’ descreve o poder de compra da comunidade gay, muitas vezes em relação a doações políticas. Com o fortalecimento do movimento pelos direitos LGBT, o ‘pink money’ deixou de representar um mercado marginalizado e tornou-se uma indústria em crescimento em muitas partes do Ocidente, como os EUA e o Reino Unido. Muitas empresas focalizam consumidores gay, incluindo casas noturnas, lojas, restaurantes e até mesmo empresas de táxi. A demanda por esses serviços surge da discriminação por parte de empresas tradicionais.” https://en.wikipedia.org/wiki/Pink_money (nossa tradução)..

² O termo ‘femvertising’ foi usado pela primeira vez pela SHE Media na Advertising Media New York de 2014. Um *portmanteu* que combina partes de palavras *fem* (que pode derivar de feminino, fêmea ou feminismo) e *advertising* (publicidade), ‘femvertising’ poderia ser traduzido para o português como publicidade de empoderamento feminino. Se trata de uma estratégia de marketing e comunicação usada por certas marcas para promover seus produtos e alcançar maior engajamento com a marca através de discursos de empoderamento feminino. O texto de referência para o termo pode ser encontrado em <https://www.femvertisingawards.com/>

³ Como exemplo, podemos apontar questões centrais como o impacto do trabalho doméstico para mulheres negras e apelos a uma ideia de sororidade “pós-racial”, que ignora a importância potencial da solidariedade entre mulheres e homens negros (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019).

Os trabalhos na área de ACD exploram as relações dialéticas entre o discurso (incluindo aqui a linguagem verbal, assim como outras formas de semiose, tais como as imagens visuais, as cores, o layout textual etc.) e outros elementos das práticas sociais. O foco de atenção desses trabalhos são as mudanças radicais que têm ocorrido na contemporaneidade, e o papel que o discurso desempenha em processos de reprodução e mudança social. Atualmente, uma premissa comum dentro das ciências sociais é a de que as entidades sociais (instituições, organizações, corporações, agentes sociais etc.) são constituídas através de processos sociais, e que o discurso (ou a semiose) é um aspecto central de grande parte desses processos. Dessa forma, podemos dizer que as entidades sociais são, em grande parte, efeitos do discurso (Chiapello; Fairclough, 2002).

Em suas últimas publicações (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Chiapello; Fairclough, 2002; Fairclough, 2003, 2010), Norman Fairclough tem procurado definir de forma mais precisa a localização teórica e analítica da ACD. Segundo o autor, o discurso é um momento das práticas sociais, e a semiose (seja ela linguística ou visual, ou ambas) é uma parte intrínseca dos processos sociais materiais. Fairclough (2003) descreve a vida social como uma série de cadeias interligadas de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais etc.), cada uma delas possuindo pelo menos um elemento semiótico.

As práticas sociais são formas mais ou menos estáveis de atividades sociais, e são compostas dos seguintes elementos: atividades; sujeitos e suas relações sociais; instrumentos; objetos; tempo e espaço; formas de consciência; valores; discurso (ou semiose) (Chiapello; Fairclough, 2002, p. 193). Esses elementos, embora diferentes entre si, não estão isolados ou completamente separados uns dos outros. Assim, a ACD constitui-se na análise das relações dialéticas entre a semiose (que inclui linguagem verbal e não verbal) e os demais elementos das práticas sociais.

Em termos gerais, a semiose integra as práticas sociais de três formas. Primeiro, como parte da atividade social dentro de uma determinada prática – uma vez que é quase impossível pensar em alguma prática social que não inclua pelo menos um elemento semiótico, especialmente na forma discursiva. Os discursos, como parte das atividades sociais, constituem gêneros, isto é, diferentes modos de agir, de produzir a vida social em uma forma semiótica. A semiose é parte integral das representações. Como atores sociais, em qualquer prática social reproduzimos representações de outras práticas, assim como representações da prática específica na qual estamos engajados. O discurso, ao participar das representações e autorrepresentações de práticas sociais, constitui discursos. Terceiro, a semiose participa das materializações das posições específicas de sujeito existentes dentro de uma determinada prática social. As identidades dos atores sociais envolvidos numa determinada prática são parcialmente determinadas pela prática em si. As variáveis individuais (gênero, etnia, classe social, idade etc.), quando parte de uma prática

social específica, produzem realizações distintas de posições concretas de sujeito. O discurso, como parte das formas de ser, constitui estilos (Chiapello; Fairclough, 2002).

1.2 Linguagem e gênero

O gênero é um sistema binário que divide os seres humanos em duas categorias: homens e mulheres. Sua força conceitual e material é tamanha que esse sistema organiza virtualmente todos os aspectos de nossas vidas, desde os mais íntimos até os mais públicos. Basicamente, “todos os corpos humanos nas sociedades modernas são alocados um lugar na estrutura binária de gênero” (Cranny-Francis *et al.*, 2003, p. 1). Entretanto, o sistema de gêneros é tão insidioso e naturalizado e está presente em tantos espaços sociais que muitas vezes faz com que seja difícil detectar seu funcionamento.

Entre os dois termos de um par binário (p. ex. homem/mulher) existe um desequilíbrio necessário de poder (Derrida, 1976). Para as críticas feministas, no caso do gênero, esse desequilíbrio sempre privilegia o termo masculino do par, atribuindo ao termo feminino uma posição secundária. Essa oposição de poder é também a base das divisões sociais, especialmente as existentes entre homens e mulheres (cf. Cixous, 1975). É por meio de “dualismos que as mulheres são construídas como ‘outras’, de forma que as mulheres são apenas aquilo que os homens não são, como ocorre na teoria psicanalítica lacaniana” (Woodward, 2000, p. 52).

Em síntese, o sistema de gênero não só divide a raça humana em duas categorias, mas privilegia a categoria masculina em relação à feminina. Nesse sentido, o gênero, como um dos sistemas classificatórios formadores da cultura, funciona como uma forma de estruturar hierarquicamente os papéis sociais.

A posição de Judith Butler (1999), compartilhada por muitas pesquisadoras, é a do funcionamento social do gênero através de performance. Segundo essa autora, o gênero é um processo de incorporação (*embodiment*) gerado pelo desempenho repetitivo de atos de gênero. De forma similar a Foucault, Butler atribui um poder normativo à própria noção de identidade de gênero e à tentativa de descrevê-la. Alinhando-se com a posição de Butler, Wodak (1997) afirma que a simples definição de gênero exclui e desvaloriza muitos corpos, práticas e discursos, ao mesmo tempo em que esconde seu caráter social e culturalmente construído e a ilusão de suas certezas. Por ser um dos sistemas sociais centrais de discriminação e opressão, o gênero tornou-se um tema recorrente de pesquisas críticas a partir dos anos 1960 e 1970, com o advento dos movimentos feministas de segunda onda feminista, que adentraram também o campo dos estudos linguísticos, como ilustram os trabalhos pioneiros de Lakoff (1975), Spender (1980), Cameron (1985), entre outros.

A partir dos anos 1980, o campo da linguística feminista vem produzindo uma vasta gama de pesquisas sobre linguagem, gênero e sexualidade, a partir de diversos posicionamentos

feministas que, embora adotando abordagens distintas, compartilham um compromisso com a investigação das desigualdades sociais em seus aspectos linguísticos e discursivos. Por volta dos anos 1990, a linguagem e o discurso assumiram papel central nas teorizações feministas, ao mesmo tempo em que as teorias feministas passaram a assumir um papel mais explicitamente central em muitas investigações empíricas no campo dos estudos linguísticos e discursivos (Bucholtz, 2014).

Dentro desse campo, as teorias feministas de segunda onda produziram estudos que representam abordagens da 'diferença' para a investigação sobre linguagem e gênero, uma vez que tomam as diferenças de gênero como ponto de partida. Essa perspectiva é muitas vezes tachada de essencialista porque postula uma 'essência' cultural compartilhada que unificaria todas as mulheres e as diferenciaria dos homens. Entretanto, tal abordagem foi necessária nos primeiros anos do feminismo de segunda onda para colocar as mulheres em foco na academia, e continua sendo uma ferramenta valiosa para as pesquisas feministas, desde que suas limitações sejam reconhecidas (Bucholtz, 2014).

Como resposta à linguística feminista de segunda onda, abordagens alternativas ampliaram o campo da linguística feminista crítica ao incluir os eixos de raça e classe, além de avançar também nos estudos da masculinidade (cf. Ehrlich, Meyerhoff, Holmes, 2014).

1.3 Discurso, Gênero e Raça

Embora o feminismo materialista enfatize a questão de classe, a questão de raça e etnia nem sempre é focalizada, apesar de a racialização estar embasada em interpretações sociopolíticas do corpo e, portanto, ser fundamentalmente uma questão material. A interseção de raça e etnia com classe, gênero e sexualidade tem sido objeto de investigação do feminismo negro interseccional e do feminismo pós-colonial ou decolonial (Resende, 2019; Collins, 2000; Carneiro, 2003).

Esses movimentos intelectuais e políticos representam um importante contraponto às versões majoritariamente brancas do feminismo (p. ex., Collins 2000; Moraga; Anzaldúa, 1981), e algumas dessas teóricas preferem trocar o rótulo 'feminismo' por termos que colocam as mulheres negras/não-brancas no centro do pensamento e da ação política (por exemplo, o conceito de 'mulherismo-africana', cunhado por Hudson-Weems (2006) e baseado em práticas ancestrais africanas).

As relações entre gênero e raça têm sido exploradas, majoritariamente, por mulheres negras que adotam o conceito de interseccionalidade, utilizado pela primeira vez pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw (1989) como construto e ferramenta analítica para discutir as interdependências de raça, gênero e classe. Mapeando tanto o conceito de interseccionalidade quanto o de consubstancialidade, Hirata (2014, p. 62) aponta que a origem do termo também vai ao encontro

do 'Black feminism' do final dos anos 1970, onde grande parte da crítica atenta-se contra o "feminismo branco, de classe média, heteronormativo" (Idem, *ibidem*). Dessa perspectiva, mulheres racializadas comporiam uma identidade interseccionada, onde os sistemas de dominação de raça, gênero e classe convergem, e uma análise focando apenas em 'gênero' não seria suficiente. No contexto brasileiro, o feminismo negro também ganhou força no mesmo período, tendo como nomes centrais na discussão a antropóloga Lélia Gonzalez, defensora de um feminismo afrolatinoamericano (Gonzalez, 1988), e a filósofa Sueli Carneiro, responsável pela popularização da expressão "enegrecer o feminismo" (Carneiro, 2003, 2013).

Sendo assim, repensar a origem branca e eurocêntrica do feminismo permite que suas demandas sejam adequadas às especificidades de mulheres negras – Ribeiro (2018) ilustra esse ponto com o fato de que uma das demandas iniciais do feminismo eurocêntrico era a reivindicação por trabalho fora de casa, sem a necessidade de permissão do marido. Entretanto, mulheres negras "trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas" (CARNEIRO, 2013). Um exemplo de como essa diferença histórica entre mulheres brancas e negras é transportada para a contemporaneidade é a situação das trabalhadoras domésticas brasileiras (nicho predominantemente composto por trabalhadoras negras), mulheres que são afetadas diretamente pelas intersecções de classe, raça e gênero. Por conta dessas diferenças, Sueli Carneiro defende precisamente a ação política feminista antirracista:

O olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelo movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo, de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (Carneiro, 2013).

Dentro das demandas específicas do feminismo negro podemos apontar discussões sobre estética e racismo. Nesse contexto, Taylor (1999) descreve, ao discutir estética antirracista, o impacto das "maneiras não explícitas em que história e cultura condicionam nossas escolhas, crenças, desejos e preferências" (p.20, nossa tradução), possibilitando assim observar criticamente o que é hoje considerado belo ou feio. Dada a imposição histórica de conceitos determinados pela cultura branca, beleza é também uma questão racial. Para mulheres negras, a preocupação estética representa, além da discussão da origem racista de discursos que classificam como feias as características físicas de pessoas negras, também uma demanda por reconhecimento da própria beleza. Em *400 Years without a Comb*, Willie Morrow (1990 *apud* Thompson, 2009) faz um apanhado histórico de práticas de cuidados de cabelos afro, argumentando que cor de pele e cabelo

são tão interligados que tomam grande dimensão nas vidas de pessoas negras, sendo assim características quase inseparáveis.

Uma das questões centrais no que tange às interconexões entre estética e racismo é explicitada por Sueli Carneiro que aponta como o racismo “superlativa os gêneros por meio de privilégios que advém da exploração e exclusão dos gêneros subalternos” e “institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária” (Carneiro, 2003, p. 119), tendo como exemplo a recorrência abusiva do o que a autora chama de “inflação de mulheres loiras” na televisão brasileira – ou a “loirização”. Longe de ser uma problemática restrita a questões de representação televisiva, a necessidade de se discutir uma estética antirracista também vem de questões muito mais profundas.

Em uma sociedade racista, a construção do belo e da “boa aparência” possui implicações materiais, por exemplo no mercado de trabalho, sendo o requisito de boa aparência (comum em anúncios de emprego) um “eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular” (Carneiro, 2003, p. 121).

1.4 O caso do cabelo

A fim de pensar o gênero em uma análise interseccional, e buscando apresentar uma discussão contemporânea sobre discurso, gênero e raça, definimos como tema de análise as discussões em torno do cabelo natural ou cabelo afro. Essas discussões, em sua maioria conduzidas por mulheres negras, levam em consideração gênero e raça e também problematizam as formas com as quais o capitalismo se apropria das pautas de grupos minorizados, como argumentamos mais adiante.

O tópico ‘cabelo’ é explorado por diversos teóricos, seja a partir de estudos sociológicos, a partir do campo da psicologia ou a partir de estudos na área da saúde. O cabelo afro – que engloba desde o cabelo cacheado ao cabelo crespo, assim como penteados como dreadlocks, tranças nagôs e cornrows – e que é explorado majoritariamente por teóricas negras estadunidenses, tem recebido também atenção no Brasil (Gomes, 2006; Quintão, 2013; Gomes, 2017; Oliveira, 2017). Diferentes teóricas que abordam a questão do cabelo em comunidades afro-diaspóricas apontam para distinções de gênero no que se refere a como sujeitos negros entendem e vivenciam a face sociopolítica do cabelo afro. Brooks Higginbotham (*apud* Walker, 2007, p. 5) postula que mulheres negras são ‘sujeitos únicos’ para explorar as relações entre raça, gênero e classe – essas mesmas relações também são possíveis de serem observadas a partir da cultura da beleza. Desta forma, noções de desejo, não-desejo, beleza e feiura em relação ao cabelo são construídas a partir de um padrão de beleza eurocêntrico de ‘cabelo bonito’, que por sua vez é longo, liso e por vezes louro, como destaca Banks (2000, p. 2). Assim, o cabelo afro é considerado ‘indesejável’ dentro dos

padrões de beleza dominantes. Se por um lado existem movimentos que discutem a importância de se acabar com ideais de beleza – uma discussão deveras oportuna que tem como aspecto central as influências do capitalismo neoliberal e do patriarcado no que se refere à emancipação das mulheres (Wolf, 2002), por outro lado existe uma parcela de mulheres negras que discute percepções de beleza em uma cultura que por muito tempo se espelhou na beleza de mulheres brancas.

Dentro desse panorama, a discussão sobre o cabelo afro deve incluir os impactos políticos e culturais do cabelo para pessoas negras, visto que o cabelo é um marcador do corpo social racializado. Apesar de discussões em torno da estética afro-diaspórica terem voltado a ganhar força no Brasil na última década (Gomes, 2006; Bouzón, 2010; Barros, 2019; Mizrahi, 2019), por conta do ativismo online de mulheres negras que defendem a aceitação do cabelo natural e também da transição capilar para mulheres crespas e cacheadas que não têm mais interesse em utilizar métodos de alisamento, químicos ou não, os movimentos estéticos afro-diaspóricos datam, pelo menos, dos anos 1950 e 1960, com a ascensão dos Panteras Negras nos Estados Unidos e do movimento *Black is beautiful*. Todavia, essa linguagem simbólica criada por meio de recursos visuais teve como objetivo a transmissão do potencial revolucionário social e político da estética negra (Ongiri, 2010, p. 52), e se expressou não só pelo Afro de Angela Davis, mas também por roupas e acessórios, materializando assim diversos símbolos estéticos. Um segundo exemplo, contemporâneo e local, é o da geração Afrotombamento baiana, formada por jovens negros que se utilizam da estética para construir uma identidade visual coletiva que rompe com padrões de beleza europeus (Leite; Souza, 2017).

2. PROPOSTA ANALÍTICO-METODOLÓGICA

Definida a problemática, apresentamos o sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) como uma das possibilidades de análise crítica do discurso dentro da perspectiva linguística sistêmica-funcional (Halliday; Matthiessen, 2014). Esse sistema permite analisar as formas como pessoas fazem avaliações através de suas escolhas linguísticas. Em seu trabalho seminal “*The language of evaluation: appraisal in English*” (2005), Martin and White conceituam e descrevem o sistema de avaliatividade, indicando que o modelo tem por foco a função ‘interpessoal’ da linguagem, isto é, a interação e a forma subjetiva como os falantes ou escritores se posicionam em textos, e como “aprovam, desaprovam, demonstram entusiasmo, aplaudem e criticam” (p. 1, nossa tradução). Assim, o sistema da avaliatividade focaliza a construção de textos, expressando sentimentos e valores por meio de escolhas linguísticas. Essas escolhas apontam também para a construção da identidade do próprio produtor do texto e de seu público ideal.

Três principais subsistemas compõem o sistema da Avaliatividade: Atitude, Engajamento e Gradação. Atitude refere-se aos sentimentos, “incluindo reações emocionais, julgamentos de

comportamento, e a avaliação das coisas” (Martin; White, 2005, p. 35, nossa tradução). O segundo subsistema, Engajamento, refere-se às formas nas quais a voz da autoria do texto se posiciona e se engaja com outras vozes presentes no texto. Por fim, a Gradação, como apontam Pinton e Pereira (2017, p. 270), perpassa os sistemas de Atitude e Engajamento, pois oferece como recurso o mecanismo de graduar sentimentos.

Para a proposta deste artigo, iremos dar ênfase ao subsistema ‘Atitude’, que também é dividido em três regiões “de sentimentos” (White; Martin, p. 35): ‘afeto’, ‘julgamento’ e ‘apreciação’. Em síntese, afeto corresponde a reações emocionais, enquanto julgamento – como o nome indica – corresponde a julgamentos de comportamento, e apreciação corresponde à avaliação de coisas. Através da análise de posicionamentos de afeto e julgamento nos textos selecionados, podemos observar valores e emoções associadas ao cabelo afro nos relatos de mulheres negras.

Para Martin e White (2005), ‘afeto’ envolve o registro de sentimentos positivos e negativos, ou seja, “nos sentimos felizes ou tristes, confiantes ou ansiosos, interessados ou entediados?” (p. 42, nossa tradução). O principal recurso para a realização desse tipo de significado são adjetivos⁴, embora processos afetivos mentais ou comportamentais⁵ também expressem afeto. *Julgamento* se refere a “atitudes comportamentais que admiramos, criticamos, condenamos ou elogiamos” (Martin; White, 2005, p. 42, nossa tradução). É importante frisar que tais comportamentos e escolhas linguísticas são moldados socialmente e não acontecem em um vácuo, portanto podem ser classificados como positivos ou negativos de acordo com o contexto de uso. Os autores dividem os ‘julgamentos’ entre aqueles que lidam com estima social e os que lidam com sanção social. Julgamentos de estima social são ligados normalidade, capacidade e tenacidade. Desta forma, avaliam como alguém pode ser, ou não, incomum, capaz ou resoluto.

Por outro lado, julgamentos de sanção social lidam com veracidade e propriedade, o quão confiável ou ético alguém é. Assim, os autores apontam que julgamentos de estima social são ligados à cultura oral, enquanto julgamentos de sanção social são codificados por meio da escrita e ligados a regras e regulamentações (Martin; White, 2005, p. 52).

A última região do sistema de Atitude é a *Apreciação*, que se refere ao ato de avaliar ‘coisas’ – incluindo coisas criadas, performances e fenômenos naturais, expressando qual é seu “valor” (Martin; White, 2005, p. 56). Nossa apreciação das coisas pode ser dividida em três campos: como reagimos a elas (reação), como elas são arranjadas/dispostas (composição) e o quanto elas são ‘valiosas’ (valoração). Esta região também pode ser classificada entre avaliações positivas e

⁴ Apesar de maior frequência de uso, é importante frisar que não existem estruturas gramaticais definidas como padrão ao investigar um texto no sistema de Avaliatividade, sendo a análise realizada com foco no significado em contexto.

⁵ O conceito de ‘processo’, que a grosso modo corresponde ao conceito de ‘verbo’ na gramática normativa, é utilizado na gramática sistêmico-funcional para referir-se a um dos elementos do sistema de transitividade, pertencente à função ideacional da linguagem. Cf. Halliday; Matthiessen, 2014; Thompson, 2004; Fuzer; Cabral, 2014.

negativas. *Gradação* é uma parte do subsistema de atitude que possibilita dar nuance e intensidade para os recursos de expressão de emoções (Martin; White, 2005). Escolhas lexicais que intensificam ou suavizam o significado de uma expressão são denominadas força, enquanto aquelas que graduem ou relativizam categorias são chamadas de foco.

Dentro dos recursos de força, pode-se utilizar palavras que indicam intensidade, como ‘muito’ ou ‘extremamente’; itens lexicais que em si exprimem diferentes graus de intensidade como ‘contente, feliz, extasiado’; intensificadores que permitem comparação como ‘melhor’ ou ‘pior’; advérbios; palavras de gradação de quantidade, maneira ou modalidade – como ‘incrivelmente, várias, pode e poderia’, respectivamente – e por fim, interjeições, metáforas e até mesmo palavrões. Enquanto alguns desses recursos são léxicos atitudinais, ou seja, palavras que isoladamente já indicam graus de intensidade, outros necessitam se combinar a palavras de conteúdo para que haja sentido de gradação.

Os recursos de foco possibilitam a gradação em casos que normalmente não são graduáveis, através de foco ou suavização de categorias. Na afirmação “ela é uma mulher de verdade”, por exemplo, existe uma focalização que intensifica esse indivíduo dentro da categoria mulher, normalmente não graduável. A suavização, por outro lado, permite que categorias se tornem menos rígidas a fim de expressar menor intensidade. Ao dizer que “ela é meio fã dessa banda”, a categoria ‘fã’, não graduável, se torna menos definitiva e rígida, permitindo diferentes graus de pertencimento.

3. EXEMPLO DE ANÁLISE

Definido o arcabouço metodológico, os trechos aqui utilizados para análise foram retirados do website Terra⁶, em uma reportagem onde quatro mulheres negras foram entrevistadas e responderam perguntas sobre a questão do cabelo crespo. As respostas de perguntas de entrevistas podem ser lidas como narrativas que se prolongam por algum tempo, e o entendimento destas narrativas é uma das formas de compreender a performance social humana, como mostram estudos na área de análise de narrativas (De Fina; Georgakopoulou, 2015). Ainda, relatos e narrativas performam diferentes funções no dia a dia, seja por meio do consumo das mesmas a partir de conversas, notícias em jornais ou – pensando nas possibilidades contemporâneas – em publicações em redes sociais. Sendo assim, narrativas são sempre contextualizadas e os contextos moldam essas narrativas, que carregam pesos políticos e ideológicos.

Com o propósito de ilustrar os possíveis usos da avaliatividade como ferramenta para a análise crítica do discurso, a primeira narrativa a ser analisada é da rapper Mc Soffia:

⁶ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/beleza/cabelos/cabelos-crespos-mulheres-falam-sobre-direito-ao-corpo-e-penteado-afro.8c5198a24a2d1a2177869d23f62c385b0qwrRCRD.html>> Acesso em: 05 set. 2023.

Eu já alisei meu cabelo quando era pequena. A pressão da sociedade me fazia alisar, porque na escola as meninas ficavam falando que meu cabelo era duro, ruim, de bombril, essas coisas. Aí, pra não ser mais zoada por toda a escola, eu pedi pra alisar o cabelo, porque a gente sofre muito lá. Mas agora minha mãe me leva em eventos de mulheres negras com cabelos lindos, igual ao meu, e aí eu não quis mais alisar e, se alguém me xingar, eu vou ligar sim, né? Mas já tenho até resposta pra dar.

“na escola as meninas ficavam falando que meu cabelo era **duro, ruim**, de bombril, essas coisas”.

Ruim = apreciação de valoração negativa;

Duro = apreciação de composição negativa

Fragmento 1: Apreciação

“A gente **sofre** muito lá [na escola]”

Sofrer = processo mental afetivo, intensificado pelo subsistema de gradação - “muito”

Fragmento 2: Afeto

“Mas agora minha mãe me leva em eventos de mulheres negras com **cabelos lindos**, igual ao meu, e aí eu não quis mais alisar”.

Cabelos lindos = reação positiva, sendo comparado ao seu próprio cabelo.

Fragmento 3: Apreciação

Em seu relato, observável por meio do *Afeto*, Mc Soffia demonstra como o desejo de alisar o cabelo vem de processos dolorosos que partem do julgamento de outras meninas, sendo a não-apreciação de seu cabelo moldada socialmente, a partir da construção discursiva racista do outro. A partir da análise da região de *Apreciação*, também é perceptível como o poder de agência atribuído a sua mãe impacta positivamente a percepção de Soffia em relação a seus cabelos: é a mãe que a leva em eventos com mulheres negras que têm, como aponta Soffia, ‘cabelos lindos’, em contraste com as escolhas lexicais utilizadas para ilustrar a forma com que as “meninas da escola” avaliavam seu cabelo.

Como segundo exemplo de análise trazemos o relato da cantora Tássia Reis, à época com 25 anos, que também reflete sobre experiências de preconceito na infância em relação a seus cabelos:

Acho que todas as mulheres negras desse país [sofriam com isso], né? E só por isso que eu usava química, relaxamento, na tentativa de me aproximar mais do padrão que é imposto pra todo mundo, e eu tinha vergonha. Não queria ser zoada. Então usava preso, usava trança, e passava como a “estilosa” e não a neguinha do cabelo duro. Eu nunca fugi do estereótipo. Isso na escola. Porque eu considero a escola o pior lugar para uma menina crespa. É muito cruel. E na rua também, entre os amigos. Lembro de uma vez que saí na rua, inclusive minha mãe tinha até feito um desses relaxamentos, mas o cabelo continuava bem volumoso, e aí saí na rua me sentindo maravilhosa, e em dois minutos começaram a me zoar e eu voltei pra casa e preendi o cabelo. Eu só queria ser aceita.

“Acho que todas as mulheres negras desse país [**sofriam** com isso], né?”

Sofrer = processo mental afetivo

Fragmento 4: Afeto

“eu tinha **vergonha**”

Vergonha = processo mental afetivo

Fragmento 5: Afeto

“Porque eu considero a escola o **pio**r lugar para uma menina crespa”

Pior = gradação de “lugar”

Fragmento 6: Gradação

“É **mu**ito cruel”

Cruel = julgamento de sanção social negativo (propriedade), intensificado pelo subsistema de gradação - “**mu**ito”

Fragmento 7: Julgamento

Ao descrever sentimentos relacionados à sua vivência como uma “menina crespa”, Tássia faz uso de processos mentais afetivos (sofrer, ter vergonha) e, por meio de julgamento, apreciação e gradação, avalia o ambiente escolar caracterizando-o negativamente e refletindo sobre o impacto emocional de se perceber alvo de olhares racistas, já que seu cabelo era visto como fora dos parâmetros do desejável naquele contexto.

No trecho “porque eu considero a escola o pior lugar para uma menina crespa”, gradação foi o recurso utilizado de forma a comparar, através do intensificador “pior”, os lugares que ela frequentava enquanto criança, refletindo enquanto adulta sobre esses mesmos espaços. O relato de Tássia, diferente do de Mc Soffia, faz uso do recurso de gradação, além de afeto e julgamento, para caracterizar negativamente o ambiente escolar. A vergonha e o sofrimento descritos através de processos mentais afetivos e julgamento de sanção social podem ser entendidos como reflexo de situações vividas dentro da escola em relação a seu cabelo, expressas através de experiências individuais – como em “eu tinha vergonha”, e generalizadas, como em “todas as mulheres negras desse país”.

Ao tentar se “aproximar mais do padrão que é imposto pra todo mundo”, adotando penteados como tranças ou prendendo os cabelos, Tássia caracteriza seu cabelo natural negativamente, e em contraste a uma percepção social positiva sobre si mesma ao diminuir o volume de seus cabelos crespos:

passava como a “**estilosa**” e não a neguinha do cabelo **duro**

Estilosa = julgamento de estima social positivo (normalidade)

Duro = apreciação de composição negativa

Fragmento 8: Julgamento e Apreciação

De forma semelhante, ao narrar sair de casa com os cabelos relaxados quimicamente, o volume dos cabelos é caracterizado negativamente e em contraste a um julgamento de estima social positivo. Tássia aponta – de forma consciente ou não – como, em oposição a seu julgamento positivo inicial, a perspectiva racista de outros sobre sua aparência afetou sua própria percepção sobre seu cabelo:

saí na rua me sentindo **maravilhosa**

Maravilhosa = julgamento de estima social positivo (normalidade)

Fragmento 9: Julgamento

mas o cabelo continuava **bem volumoso**

volumoso = apreciação de composição negativa, intensificada pelo subsistema de gradação - “bem”

Fragmento 10: Apreciação

A palavra “volumoso” ganha sentido negativo ao ser utilizada no contexto desta frase, sendo descrita como uma característica indesejável na situação relatada, já que está em oposição ao efeito esperado do relaxamento (diminuir o volume dos cabelos crespos).

Nossa terceira análise apresenta o relato da cantora e compositora Paula Lima ao ser questionada sobre parar de alisar seus cabelos. A cantora afirma que:

Olha, na verdade, eu usei prancha por muito tempo. Aí depois comecei a trançar porque achava style e vi um filme com a Angela Bassett que ela tinha umas tranças grossas, e fiquei apaixonada por elas. Aí fiquei anos com a trança, só que gosto muito de água. Então quando tirei férias e fui pra Bahia, eu desencanei e deixei meu cabelo como ele tivesse que ser. E aí rolou, porque lembro que na época fazia Ídolos, e aí voltei de férias e já ia trançar o cabelo de novo. Mas fui me adaptando porque as pessoas começaram a elogiar tanto que eu comecei a me ver de uma outra forma no espelho também.

Comecei a trançar porque [eu] achava style

Style = apreciação de estima social positiva

Fragmento 11: Apreciação

Tássia Reis e Paula Lima fazem uso dos termos “style/estilosa” de formas diferentes: Tássia Reis utiliza o adjetivo como julgamento, enquanto Paula Lima opta por utilizar como apreciação. A cantora afirma que começou a usar tranças por achar as mesmas estilosas - apesar de teóricas como Grada Kilomba (2008) e Ingrid Banks (2000) atrelarem penteados afro ao próprio cabelo crespo em termos de instrumentos políticos e de consciência racial politizada (e não meramente como “estilosos”).

Fui me adaptando porque as pessoas começaram a elogiar tanto que eu comecei a me ver de uma outra forma no espelho também (...)
--

Elogiar = afeto positivo (satisfação)
--

Fragmento 12: Afeto

Neste fragmento, Paula Lima faz uso da região de afeto para registro do sentimento positivo em relação a validação de outros sobre seu cabelo. É importante ter em mente que a aprovação do outro em termos de estética não afeta o sujeito somente de forma subjetiva (como baixa ou alta autoaceitação), mas também o afeta em termos materiais, como por exemplo o acesso livre a certos

espaços, ou até mesmo os mecanismos de seleção dentro do mercado de trabalho, onde não é rara a exigência de “boa aparência” (leia-se ‘aparência o mais próxima possível do modelo eurocêntrico de beleza) como pré-requisito.

O quarto e último relato analisado é o de Lúcia Udemezue, diferenciado das demais entrevistadas pois, como aponta a reportagem, seu depoimento “representa o coletivo Manifesto Crespo, de diversas idades e opiniões”. No relato, Lúcia aponta que o grupo promove discussões sobre “identidade, corpo e cabelo crespo” com mulheres negras.

o cabelo crespo pode e deve ser encarado de uma forma criativa

criativa : apreciação de valoração positiva
--

Fragmento 12: Apreciação

A apreciação positiva contida no trecho acima se liga à perspectiva que pode ser adotada a partir de discussões sobre cabelo crespo, apontando para possibilidades criativas ao invés de padrões e expectativas restritivas.

fazendo com que se desmistifique a ideia de que existe cabelo ruim

ruim : apreciação de valoração negativa
--

Fragmento 13: Apreciação

Aqui a valoração negativa está ligada a uma ideia que deve ser revisada e transformada através da criatividade. O cabelo então ganha conotação positiva de forma indireta, através do entendimento de que cabelo ruim não existe. Esta perspectiva remete a parte dos relatos de Mc Soffia e Paula Lima que, através do contato com mulheres negras “de cabelos lindos” em eventos e com o penteado de Angela Bassett, puderam construir referências estéticas positivas e mais diversas em relação aos próprios cabelos.

Podemos perceber nas falas analisadas que, apesar de se tratar de quatro mulheres diferentes que atuam e vivem em contextos diversos, suas narrativas fazem uso da região avaliativa de apreciação, de forma a (re)construir qual ou quais valores foram atribuídos a seus cabelos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos apresentar conceitos, discussões e possibilidades de análises dentro da área de ACD que englobassem as intersecções entre gênero, capitalismo, raça e discurso, tomando como exemplo narrativas que abordam a questão do cabelo para mulheres negras. Como

instrumento de análise, fizemos uso do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) a fim de compreender de qual ou quais formas as escritoras/falantes relatam suas experiências e adotam posturas avaliativas, como também negociam seus posicionamentos com seus interlocutores.

Mesmo reconhecendo que a manipulação do cabelo é uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro, e mais especificamente para a mulher negra brasileira, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, resignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial, visto que múltiplas representações negativas construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual e coletivo. A partir das narrativas aqui analisadas como ilustração, pode-se perceber, por exemplo, que a “escola” é um tema central ao pensar a relação entre cabelo afro e subjetividade/identidade, sendo o cabelo afro designado como negativo no ambiente escolar dentro dos três sistemas (afeto, apreciação e julgamento).

Apesar de não ter se dado de forma avaliativa, nos textos analisados também são mencionadas manipulações capilares, sejam elas químicas ou não. Produtos e serviços relacionados a alisamentos, relaxamentos e outros processos que alteram a textura dos cabelos afro merecem atenção na complexa configuração onde capitalismo, racismo e estética se entrelaçam. O caso do cabelo é, então, um exemplo da face multidimensional das relações sociais no capitalismo tardio, que se apropria até mesmo das demandas de movimentos sociais para fins de lucro.

Finalmente, é importante frisar que a Análise Crítica do Discurso como instrumento teórico-metodológico nos permite fazer uso de diferentes instrumentos de análise. Dessa forma, a proposta que aqui apresentamos, assim como as teorias sociais que utilizamos, são um pequeno exemplo das inúmeras possibilidades que podem ser exploradas no campo dos estudos críticos sobre discurso, gênero e raça.

REFERÊNCIAS

- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminism for the 99%: A Manifesto**. London: Verso, 2019.
- BANKS, Ingrid. **Hair matters: beauty, power, and Black women’s consciousness**. Nova Iorque: New York University Press, 2000.
- BARGU, B.; BOTTICI, C. Introduction. In: BARGU, B.; BOTTICI, C. (Eds.) **Feminism, Capitalism, and Critique: Essays in Honor of Nancy Fraser**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.
- BARROS, Maria Beatriz dos Santos. **Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível**. In: III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018) - São Paulo-SP, 2019. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/jig2018/trabalho/82391>
- BOUZÓN, Patrícia Gino. **Construindo identidades: Um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro**. 2010. 334 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BUCHOLTZ, Mary. The feminist foundations of language, gender, and sexuality research. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet. **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2014. p. 23-47.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. (2 ed). New York and London: Routledge, 1999.

CAMERON, Deborah. **Feminism And Linguistic Theory**. London: Palgrave Macmillan, 1985.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero** (2013). Disponível em <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/sueli-carneiro/17473-sueli-carneiro-enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>

CHIAPELLO, E.; FAIRCLOUGH, N. Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and new sociology of capitalism. **Discourse & Society**, London, Thousand Oaks and New Delhi, Vol. 13, No. 2, p. 185-208, 2002.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CIXOUS, Hélène; COHEN, Keith; COHEN, Paula. The Laugh of the Medusa. **Signs**, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875-893, summer 1976.

COLLINS, Patricia. Hills. **Black Feminist Thought**. New York and London: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, 1989.

CRANNY-FRANCIS, Anne. et al (Eds.) **Gender studies: Terms and debates**. London: Palgrave/Macmillan, 2003.

DAVIS, Angela. Afro Images: Politics, Fashion, and Nostalgia. **Critical Inquiry**, v. 21, n. 1, p. 37-45, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Of Grammatology**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976. Translated by Gayatri Chakravorty Spivak.

EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (ed.). **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality**. 2. ed. Hoboken: Willey Blackwell, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The critical study of language**. 2nd ed. London: Routledge, 2010.

FINA, Anna de; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (ed.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2015.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalism: A conversation in critical theory**. Cambridge: Polity Press, 2018.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

- GILLIAM, Angela.; GILLIAM, Onik'a. Raça Brasil: por quem, para quem. **Cadernos Pagu**, (6/7), 307-310, 1 jan. 2010. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1873>
- GOMES, Larisse Louise Pontes. “**Posso tocar no seu cabelo?**” Entre o “**liso**” e o “**crespo**”: transição capilar, uma (re)construção identitária? 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprnzalodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], n. 21, p. 40-51, dez. 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000300004>
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. London and New York: Routledge, 2014.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v.26, n. 1, 2014.
- HUDSON-WEEMS, Clenora. Clenora Hudson-Weems's Africana Womanism. In: PHILLIPS, Layli (ed.). **The Womanist Reader**. New York: Routledge, 2006. p. 37-54.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation**: appraisal in English. London: Continuum, 2005.
- MIZRAHI, Mylene. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Mana**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 457-488, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n2p457>
- MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). **This bridge called my back**: writings by radical women of color. Nova York: Kitchen Table, p. 165-74.
- LAKOFF, Robin. **Language and Women's Place**. Nova York: Harper and Now, 1975.
- LEITE, Nara de Cervino Teixeira; SOUZA, Josenilde Silva. Geração Afrotombamento Baiana: a estética negra como meio difusor de empoderamento. **13º Colóquio de Moda**, Bauru, p. 1-15, out. 2017.
- ONGIRI, Amy Abugo. **Spectacular Blackness**: the cultural politics of the black power movement and the search for a black aesthetic. Charlottesville: University of Virginia Press, 2010.
- OLIVEIRA, Paula Beatriz de Carvalho e. **Ressignificações em torno de cabelos crespos e cacheados**: Uma análise sobre performances corporais nas favelas Chapéu Mangueira e Babilônia/Rio de Janeiro. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- PINTON, Francieli Matzenbac; PEREIRA, Gabriela Eckert. Atitude e engajamento em textos argumentativos produzidos no contexto escolar: desafios para o professor de leitura e escrita. **Entrepalavras**, v. 7, p. 266-282, ago./dez. 2017.
- QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?**: um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- RESENDE, Viviane. (Org.) **Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso**. Campinas: Pontes, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Trad. de Vera Ribeiro. Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004.

SPENDER, Dale. **Man Made Language.** Abingdon: Routledge & Kegan Paul, 1980.

TAYLOR, Paul C. Malcolm's Conk and Danto's Colors; Or, Four Logical Petitions concerning Race, Beauty, and Aesthetics. **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, [S.L.], v. 57, n. 1, p. 16-20, 1999. <http://dx.doi.org/10.2307/432060>

THOMPSON, Cheryl. Black Women, Beauty, and Hair as a Matter of Being. **Women's Studies**, [S.L.], v. 38, n. 8, p. 831-856, 15 out. 2009. <http://dx.doi.org/10.1080/00497870903238463>

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar.** (2 ed). London: Arnold, 2004.

VIEIRA, João. Direito ao Corpo: mulheres falam sobre seus cabelos crespos. **Terra**, 2015. Disponível em <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/beleza/cabelos/cabelos-crespos-mulheres-falam-sobre-direito-ao-corpo-e-penteado-afro,8c5198a24a2d1a2177869d23f62c385b0gwrRCRD.html>>. Acesso em: 05 de set. de 2023

WALKER, Andre. **Andre Talks Hair.** New York: Fireside, 1998.

WODAK, Ruth (ed.). **Gender and Discourse.** London: Sage Publications, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

O/A(S) AUTOR(ES/AS)

Débora de Carvalho Figueiredo

Possui graduação em Direito (UFSC), mestrado e doutorado em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (UFSC). É professora associada 3 da UFSC. Atua principalmente nos seguintes temas: discurso e gênero; análise crítica do discurso jurídico; linguística feminista; direito das mulheres; direitos sexuais e reprodutivos; violências de gênero. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero Através da Linguagem (NuGal) E-mail: deborafigueiredo@terra.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3128279923506227>

Jéssica Soares Lopes

Possui bacharelado em Letras - Inglês (UFSC) e mestrado no Programa de Pós-graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (PPGI/UFSC), na linha de Estudos do Discurso e da Tradução em Contextos Socioculturais. Doutorado em andamento na área de concentração de Estudos Literários e Culturais (PPGI/UFSC), onde pesquisa Literatura Irlandesa. Membro do NuGal (Núcleo de Estudos de Gênero Através da Linguagem/UFSC) e NEI (Núcleo de Estudos Irlandeses/UFSC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4480791285045069>

Luana Helena Uessler

Licenciada em Letras - Inglês (UFSC) e mestre em inglês: Estudos Linguísticos e Literários (UFSC). Atualmente é doutoranda no mesmo programa, com pesquisa com foco nos estudos literários de contos irlandeses contemporâneos. É membro do NuGal (Núcleo de Estudos de Gênero e Através da Linguagem) e do NEI (Núcleo de Estudos Irlandeses). E-mail: luessler@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3821579624484634>